



Sofia Sampaio, ISCTE-IUL, CRIA

Título da comunicação: *“Entre experimentação e standardização: o filme turístico na primeira metade do século XX”*

Palavras-chave: filme turístico; políticas culturais; produção cinematográfica

Resumo: A afirmação do turismo como uma actividade organizada, nos inícios do século XX, coincidiu com a introdução e rápida expansão do cinema em Portugal. O cinema cedo se interessou pela exploração de aspectos paisagísticos e pitorescos do território nacional, evidentes num filme com preocupações artísticas como *Nazaré: Praia de Pescadores e Zona de Turismo* (1929), assinado por Leitão de Barros, mas também num filme amador como *Norte de Portugal* (1930). O potencial turístico do cinema não passou despercebido às entidades legisladoras que, durante a I República e, mais tarde, no Estado Novo, se preocupavam em desenhar uma „geografia turística“ a partir da identificação de „terras de turismo“. Filmes como *Paisagens da Serra da Estrela* (1919), produzido pela Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela, ou *Algarve Encantado* (1938), realizado por Armando de Miranda para o Secretariado de Propaganda Nacional, apesar de diferenças assinaláveis entre os dois, reflectem já as linhas de força dessa „geografia turística“, constituída por praias, montanhas, cidades, vilas e sítios patrimoniais. Nesta comunicação, baseando-me no visionamento de filmes de teor turístico disponíveis no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento (ANIM) da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, proponho discutir a forma como estes e outros filmes da primeira metade do século XX participaram no processo de formação de uma retórica turística – feita de palavras mas também de imagens, e muito próxima de discursos oficiais de identidade nacional – que, em meados do século, se encontrava relativamente estabilizada. Por esta altura, havia sinais de estagnação do género, atribuível, por um lado, ao contexto institucional de produção (muitos destes filmes são encomendados por organismos do estado) e, por outro, à standardização de práticas sociais envolvendo o turismo e o cinema. Estes factores, todavia, não invalidam a

margem de manobra criativa de que os cineastas dispunham, quer enquanto artistas e técnicos de imagem e som, quer enquanto excursionistas que visitavam, eles próprios e em primeira mão, os lugares que filmavam.